

Trabalho e inteligência artificial: consequências psicossociais das transformações sociotécnicas do trabalho

Marta de Aguiar Bergamin¹
ORCID: 0000-0002-0015-6676

Resumo: O trabalho muda radicalmente com os novos incrementos tecnológicos que a IA apresenta. Seu avanço traz um esgarçamento das solidariedades sociais e agrava as desigualdades, vemos um cenário de concentração de renda e da criatividade do trabalho. Isso abala a produção da subjetividade que outros arranjos sociais traziam. Formar novas políticas sociotécnicas será necessário para sociabilidades futuras menos desiguais.

Palavras-Chave: Trabalho. Inteligência artificial. Desigualdades. Transformações sociotécnicas.

¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1996), mestrado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2001) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (2011). Atualmente é professora na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. E membro do Departamento de Formação em Psicanálise, do Sedes Sapientiae. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia do trabalho, sociologia urbana, cidades. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9596300416464737>.

Work and artificial intelligence: Psychosocial consequences of sociotechnical transformations in the workplace

Abstract: Work undergoes a radical shift with the new technological advancements that AI introduces. With the progress in the erosion of social solidarities and exacerbating inequalities, we witness a scenario of income and labor creativity concentration. This shakes the production of subjectivity that other social arrangements brought. Forming new sociotechnical policies will be necessary for future socialities that are less unequal.

94

Keywords: Work. Artificial intelligence. Inequalities. Sociotechnical transformations

Trabajo e inteligencia artificial: consecuencias psicosociales de las transformaciones sociotécnicas en el trabajo

Resumen: El trabajo experimenta un cambio radical con los nuevos avances tecnológicos que presenta la inteligencia artificial. Al avanzar en el debilitamiento de las solidaridades sociales y agravar las desigualdades, observamos un escenario de concentración de ingresos y de la creatividad en el trabajo. Esto sacude la producción de subjetividad que traían otros arreglos sociales. Será necesario formar nuevas políticas sociotécnicas para futuras sociabilidades menos desiguales.

95

Palabras-Clave: Trabajo. Inteligencia artificial. Desigualdades. Transformaciones sociotécnicas.

Introdução: um mundo em disputa

A greve dos roteiristas americanos, começada pela Guilda dos Escritores da América (WGA), iniciada em maio de 2023, recebeu adesão dos atores em julho, pela Guilda dos Atores de Tela – Federação Americana de Artistas de Televisão e Rádio (SAG-AFTRA) (BRAGA, 2023), durando aproximadamente 150 dias. A movimentação dos trabalhadores da indústria de Hollywood parece ser a primeira greve que tem como uma de suas reivindicações a conquista de regulação da inteligência artificial para o setor, que já ameaça seus trabalhos. Os roteiristas iniciaram a greve por uma questão trabalhista ligada à precarização da profissão pela chegada dos *streamings* na produção audiovisual. Com o novo modelo de produção, os trabalhadores viram seus rendimentos caírem, mesmo para filmes e séries de grande sucesso de público. As promessas de participação dos lucros de produções de maior audiência não foram cumpridas, e a intensificação do trabalho no setor também fez surgir graves insatisfações. Roteiristas, atores, fotógrafos e toda a cadeia do audiovisual se vê sob grande pressão. As reivindicações dos grevistas também propõem a regulamentação do uso da IA nas produções, sobretudo no emprego da ferramenta para o trato de imagens, já que uma imagem feita artificialmente a partir de uma imagem real ameaça novos trabalhos, tornando incertos os trabalhos futuros e os legados artísticos deixados para a posteridade.

Os cenários distópicos parecem prevalecer na experimentação ficcional sobre o futuro. As discussões são essenciais. Mesmo na imaginação de Hollywood, as perspectivas negativas são possivelmente preponderantes. Nos poucos filmes mais otimistas, como *A Chegada*, obra de ficção científica de Denis Villeneuve, de 2016, a personagem feminina interpretada por Amy Adams – a única mulher importante que compõe o filme – recebe a missão de salvar a humanidade. Ela consegue suspender uma guerra generalizada, mas vê disparar disputas entre nações. Na compreensão da linguagem desconhecida dos extraterrestres, que seria um entendimento profundo da sensibilidade do amor universal, e que afinal era o que os forasteiros da terra vieram nos ensinar, aparece a saída para uma fase catastrófica da humanidade. O filme apresenta neste cessar da destrutividade uma forma de ativar “novas inteligências” que possam nos lembrar das sensibilidades de cuidado do mundo comum, aberturas necessárias para sobrevivência.

A discussão fundamental que travamos aqui dispõe da conjunção de muitas crises, como a catástrofe ambiental mostrando em 2023 que chegamos rapidamente às consequências dos aumentos de temperatura da terra e dos

oceanos. Também estamos confrontados com o abalo às democracias que todo o contexto social global captura. Estamos aqui tratando da crise do futuro, que chegou rapidamente se apresentando como crise do presente, portanto, urgente.

Aqui, nos deparamos com as principais disputas que precisarão ser travadas nas fronteiras recentes da luta de classe, dos colonialismos e das desigualdades. Para tanto, devemos encontrar saídas, pela Política, para colocar no rol das discussões essas questões fundamentais do nosso tempo. A urgência em resolver questões essenciais neste momento parece mais paralisar movimentos sociais que buscam conquistas efetivas do que mostrar vigor para a construção de um pós-capitalismo. A velocidade vertiginosa com que as revoluções tecnológicas pousaram neste momento soma-se às crises de sociabilidade que experimentamos. Para Lazzaratto (2017), o capitalismo empreende uma luta de classes assimétrica: com as mudanças contemporâneas, os trabalhadores não são mais uma classe; têm uma existência sociológica e econômica, mas uma existência vulnerável. Como todos nós nos tornamos credores das dívidas contraídas pelos Estados, na construção de uma lógica perversa do capital, a relação credor/devedor marginaliza politicamente muita gente, de forma definitiva.

97

Uma dessas pautas necessárias diz respeito às relações da IA com o trabalho. Se, por um lado, as máquinas podem produzir de arte à diagnósticos médicos, de execução das tarefas humanas mais simples até criação, por outro, rapidamente provoca obsolescência de profissões e ocupações no mercado de trabalho, colocando novos limites para a humanidade lidar. Isso nos provoca a olhar para o fato de que nem de longe estas são questões desvinculadas dos interesses econômicos das *big techs* e da brutal concentração de renda na mão de poucos bilionários. Esses diminutos atores sociais concentram um poder econômico nunca visto antes, ditando novos controles e fronteiras da luta de classes e dos colonialismos. A imbricação disso com um poder político não pode ser descartada, mostrando que as forças mais extremistas reproduzem um negacionismo ambiental, sanitário e científico que também se faz presente no mercado de trabalho, compondo novos nichos de atuação “profissional”. Essas mudanças, que fazem uma transição tecnológica para outro momento da sociabilidade humana, inauguram o novo mal-estar na cultura no século XXI.

Tecnopolítica e as hipóteses para mudanças num futuro nada distante

As mudanças sociais experimentadas avançam impondo uma nova temporalidade, ainda mais veloz do que a fixada ao longo do século XX, no desenvolvimento do capitalismo, uma vez que foram totalmente atravessadas por tecnopolíticas que deixam traços de grande aceleração. São mudanças técnicas que, ao participar das práticas laborais, transformam também a própria concepção do trabalho.

Observamos a chegada à vida laboral de novas gerações inteiradas do mundo digital desde o berço, com os modos de trabalho já totalmente modificados pelas tecnologias, com uma ampliada plataformização da própria sociabilidade do trabalho. Essas novas fronteiras tecnopolíticas constituem um mundo de maiores incertezas, quadro este que vai modificando as subjetividades juvenis. A catástrofe ambiental e a crise do mundo do trabalho, sem apresentar perspectivas de renda, trabalho ou aposentadoria dignas, deixam de balizar um planejamento da vida a longo prazo. Essas novas temporalidades transformam as sociabilidades, e o trabalho, que trazia uma produção de organização da vida social, sofre abalos. Sentidos subjetivos enfraquecidos geram uma sociedade mais frágil e suscetível, além de um futuro de incertezas para uma antes estabelecida previsibilidade da vida, como aponta Sennett (2005); os jovens já não ancoram os desejos de longo prazo que garantiam esperanças do porvir.

Tal capacidade de transformação, como é evidente nas obras de arte e literárias, corresponde à capacidade de sonhar. Nossas vidas podem se enriquecer a partir do contato com estes objetos de continência que sonham por nós, e nos ensinam a sonhar os conteúdos das fantasias inconscientes que para dentro deles projetamos. Mas também grupos, instituições e indivíduos isolados podem nos ajudar nessas transformações, ajudando a sonhar, ajudando a dar forma colorido, palavra e voz aos estratos mais profundos do psiquismo. Estas são formas extraordinariamente importantes do cuidar. Quando nos faltam, sofremos com a sobrecarga de experiências emocionais obscuras e perturbadoras. (FIGUEIREDO, 2007, p. 17-18).

Uma questão essencial que se impõe nesse movimento é a construção de planos de futuro para essa geração que chega, já que certo niilismo pode estabelecer-se como modo de vida, configurando planos individualizantes. Uma sociabilidade violenta, sem vínculos de cuidado com o planeta ou com o Outro, nos desafia a enunciar que temos meios para sair dessa perturbação ao apresentar

práticas coletivas que possam unir e estabelecer afetos mais positivos. A crise é a modalidade de governo do capitalismo contemporâneo; ela vai mudando de nome e de intensidade, mas está sempre presente, como revela Lazzaratto (2017). Precisamos, como humanidade, criar algo comum fora da governamentalidade de pilares neoliberais – que operam pela crise e pelo medo.

Temos uma “gramática do sofrimento psíquico”: um governo do sofrimento que esse modelo econômico gera, misturando a economia com uma psicologia. A nova razão neoliberal (DARDOT e LAVAL, 20XX) chama atenção para uma gestão da vida bastante abrangente, uma gestão empresarial da vida. Safatle (2022) afirma que os ideais normativos estão sendo internalizados e vão além, compondo uma gestão do sofrimento psíquico. Os modelos de autorregulação chegam à constituição subjetiva dos sujeitos. Os modelos de produção dessas novas formas de sofrer apresentam uma guinada individualizante, que faz com que cada indivíduo tenha a “obrigação de ser si mesmo” (SAFATLE, 2017, p. 42). O jogo social apresenta uma mudança importante do sofrimento: Para Safatle (2017), as aceções neuróticas deixam de ser as mais comuns, e a depressão toma lugar, tornando-se a forma de sofrimento do nosso tempo, já em outra concepção da vida. Na neurose, o conflito é de como se internaliza a lei; no conflito depressivo, que se torna mais prevalente, os indivíduos se sentem insuficientes e disfuncionais, são inibidos. A culpa neurótica deixa seu lugar a um outro tipo de conflito, que, pelo desempenho e pela performance, mantém um meio de sustentar as demandas irrestritas do nosso tempo.

Temos observado esses conflitos em uma geração, os *millennials* (aqueles que nasceram entre 1981-1995), que já chegaram a um mercado de trabalho muito modificado, com novas fontes de constituições subjetivas. Há um conflito importante entre essa “obrigação de ser si mesmo”, com as demandas irrestritas de trabalho e as novas configurações de contratação e remuneração. A estafa ligada a esse modo de vida é uma expressão bastante comum de uma sociabilidade atravessada por essas novas constituições.

As mudanças tecnológicas no mercado de trabalho: como enfrentar as desigualdades

O capitalismo se desenvolveu altamente ancorado em uma racionalidade técnica, o que fez as forças sociais serem brutalmente desiguais. Os universais de masculinidade, de patriarcado, de branquitude respaldam e sustentam as desigualdades de renda e sua reprodução. No Brasil, as interseccionalidades de classe, gênero e raça mostram a cara da desigualdade: mulheres negras têm maiores barreiras de oportunidades no mercado de trabalho, e também estão expressas em maior precariedade urbana e social.

Sem essa perspectiva interseccional, o enfrentamento pela diminuição da desigualdade social não conseguirá reverter os processos sociais de sua reprodução. A pandemia mostrou que as mulheres sentiram especialmente as consequências degenerativas do mercado de trabalho.

Os papéis sociais de gênero arraigados no Brasil em certa posição ainda balizam as relações sociais em que as mulheres mantêm dupla jornada de trabalho. Ou seja, além das atividades remuneradas, fazem as atividades de cuidado com crianças, velhos e doentes, e também o trabalho, não remunerado, da casa. Apesar de alguns avanços na pandemia, vimos por aqui as mulheres se retirarem do mercado de trabalho em número muito significativo; as crianças estavam em escola *on-line* e ficaram por tempo maior do que a média mundial sem aulas presenciais no país. Se as mudanças vinham lentamente tecendo melhoras nas posições femininas no mundo do trabalho até ali, a pandemia fez refluir conquistas.

Em um mundo onde o sinônimo de racionalidade sempre foi o contrário da sensibilidade, certos afetos de cuidado são percebidos socialmente como aspectos ligados ao feminino. Nessa medida, tivemos uma valorização de uma racionalidade ligada às qualidades da masculinidade (FEDERIC, 2017). Assim, a guerra, a violência e o lucro desmedido do capital balizaram certa concepção de civilização.

Esses aspectos do desenvolvimento do capitalismo sempre fizeram parte do desenvolvimento das sociabilidades do trabalho. A tecnologia está intrinsecamente ligada às habilidades masculinas, como se os homens tivessem “naturalmente”, por características biológicas, maiores competências para lidar com ela, assim como as habilidades femininas apreendidas no processo educacional são percebidas socialmente como de certa “natureza feminina”. As

profissões com maior contato de tecnologias foram nichos masculinos na história do desenvolvimento da sociedade industrial. Quando há acréscimo de tecnologia nos processos de trabalho, as mulheres são preteridas. Na chave da análise clássica da sociologia da divisão sexual do trabalho, aponta-se essa característica do sexo/gênero trazendo uma divisão bastante marcada no mercado de trabalho, demarcando nichos profissionais masculinos de acordo com maior contato com tecnologias, o que, no geral, representa maior remuneração e *status* social para os homens.

Outro aspecto que reproduz a desigualdade são os critérios de contratação e promoção nos trabalhos formais. As promoções nos ambientes corporativos privilegiam os homens brancos, de forma geral. Os homens negros e as mulheres – as mulheres negras, especialmente – enfrentam barreiras de oportunidades profissionais, o que faz manter uma pirâmide de cargos e salários com os homens brancos no topo, reproduzindo as desigualdades continuamente presentes no mercado de trabalho. As mulheres ganham menos e estão em trabalhos muito precarizados, como alguns dos novos trabalhos ligados à tecnologia, mas sem incremento direto nas execuções do trabalho, contando com remunerações irrisórias, como as fazendas de *clicks* ou o trabalho na moderação das consultas dos *chats* da IA.

101

Mudanças da sociabilidade do trabalho no século XXI

As mudanças de sociabilidade passam por uma possibilidade de não termos mais fatos comuns, apenas narrativas ou interpretações desses fatos. A produção de uma sociabilidade não mais está calcada na racionalidade, que era a hipótese forte de Weber (1920; 2004), na Ética protestante e o espírito do capitalismo, organizando uma compreensão do desenvolvimento do capitalismo no século XX. No estabelecimento de certo estilo de vida, o que se nomeava como uma cultura capitalista, era o trabalho que organizava a temporalidade social, além da produção do espaço, constituindo uma urbanidade crescente. O trabalho estava comprometido com uma organização racional das atividades e suas consequências, e essa ação racional com relação aos fins altera socialmente as escolhas dos meios para sua realização. Além disso, o trabalho estava centralmente organizando a produção das identidades sociais. Com a entrada no século XXI, novas

sociabilidades vão sendo constituídas como fontes da significação social, que não estão mais tão calcadas em aspectos racionais; estamos, portanto, em um outro terreno de ações, baseadas na irracionalidade dos afetos. As metamorfoses sociais trazem essas significações, como novas fontes de produção de identidade, que antes eram ligadas ao trabalho.

O ódio provocado pela extrema-direita mostra a potencialidade semiótica despertada nessa troca social baseada agora em afeto para criar significação social. Nunca é demais lembrar: ódio é afeto; ressentimento é afeto. E hoje, as redes sociais acessíveis em todos os celulares brasileiros, em uma outra estrutura comunicacional, promove e reproduz afetos sociais com um lugar preponderante na formação de sentidos e identidades. Esta guinada semiótica também passa a ser bastante lucrativa, tornando-se plataforma de novos negócios de influenciadores, pastores, e até canais de televisão a cabo, participando também do mundo do trabalho e de suas novas atividades empreendedoras (NUNES, 2021). Assistimos a uma sociabilidade do trabalho ancorada nos discursos e nas práticas de um empreendedorismo popular, que prescinde das regulações do trabalho. Seja porque viram discursos repetidos por uma profusão de atores desde os anos 1990, pregando essa desregulamentação, seja porque o trabalho autônomo comporta uma flexibilização maior, atualmente desejada, pois é incorporada como modo de organização da vida social. A mídia, os empresários, os políticos compõem uma esfera pública que explora o senso comum de que o empreendedorismo foi totalmente absorvido por esse “empresário de si”, que gerencia, por fim, a própria vida. Os riscos, custos e fracassos do trabalho estão entregues a cada sujeito (STANDING, 2013).

Os jovens que chegam ao mercado de trabalho já têm incorporadas essas visões, compondo a produção de suas subjetividades do trabalho. Menos Estado, mais economia, significando, então, essa virada neoliberal que muda a razão compartilhada do mundo, agora uma psicologia, diz Safatle (2022). Para que todas essas mudanças sejam absorvidas, as transformações chegam nas formas de vida (desejo, linguagem e trabalho) que são atravessadas por nossas sociabilidades e essencialmente compartilhadas em sociedade. O trabalho continua produzindo subjetividade, mas já transformada em uma subjetividade mais superficial, que por vezes nem dá conta de tornar os próprios sujeitos produtores de desejos, diz Lazzaratto (2017).

A IA vai chegando na vida cotidiana das pessoas através das configurações algorítmicas das redes sociais, dos processos de trabalho, da geração de respostas aos questionamentos nos *chats*, da geração de imagens, de alguns dos processos na viralização das mensagens de WhatsApp. E vai modificando, pouco a pouco, ainda mais, a vida social, compondo com a aceleração e condensação do tempo, que fazem as produções subjetivas ligadas aos modos de vida.

Contexto social da IA no mundo do trabalho: o que está em disputa

“Para escaparmos de um futuro sem futuro, que é o que a inteligência artificial propõe, nós temos que fazer algo.”

(Nicoletis, 2023, Canal do YouTube *Opera Mundi*).

O quadro das desigualdades no mundo do trabalho parametriza o olhar para as IAs. Os sistemas de IAs estão produzindo nos ambientes de trabalho incremento tecnológico, o que acaba por substituir trabalho vivo, apresentando como perspectiva o crescimento do desemprego estrutural.

103

Artistas, sociólogos e historiadores precisam mostrar que as lutas pelas tecnoutopias devem levar em consideração, mesmo parecendo anacrônico, as contradições de classe estabelecidas no capitalismo, como ressalta Morozov (2018). O acesso às tecnologias se espalha, mas de modo desigual. Os pobres acessam uma automação de baixa qualidade, enquanto os mais ricos têm acesso a tudo de melhor que a tecnologia oferece. Algo marcante é uma mudança cognitiva que pode estar acontecendo: os desejos têm sido vividos individualmente, e, nessa medida, a liberdade tem sido buscada no mercado e não em lutas coletivas.

Num mundo extremamente desigual, essa dualidade inevitavelmente produz, numa ponta, o sofrimento altamente individualizado do fracasso e, na outra, a esperança de que a sorte grande esteja sempre logo ali, ao alcance de quem souber reconhecê-la. O elogio do esforço facilmente se converte, assim, na valorização da esperteza e do golpe de sorte. (NUNES, 2021, p. 2).

Os sujeitos em condições mais precárias encontram-se em trabalhos de plataformas digitais, acessam grande tecnologia, mas no lado fraco da corda, digamos: trabalhos sem produção de sentido, sem criatividade, com baixos rendimentos.

O tempo continua a fronteira principal da luta de classes. Quanto mais tempo passamos nas plataformas informando dados, mais qualidade de informação é gerada pela IA. Não à toa, os influenciadores conformam uma nova “profissão”. Todo tipo de parafernália está sendo oferecida para capturar o tempo das pessoas em frente ao celular. O extrativismo de dados é tão valioso quanto as *commodities*; dados pessoais são cedidos por uma série de mecanismos das grandes *big techs*: “Eles continuam escavando a nossa psique tal como as empresas de petróleo escavam o solo; e os dados seguem jorrando de novos reservatórios emocionais” (MOROZOV, 2018, p. 166).

As identidades sociais são substituídas por um sujeito narcísico buscando individualmente curtidas para seu lucro subjetivo (DARDOT; LAVAL, 2016). Alguns monetizam essas interações, deixando vislumbrar essa possibilidade, como uma cenoura para os coelhos, toda uma multidão que não conseguirá fazer renda desse modo de exposição nas redes sociais.

Quando percepção pública e dinheiro estão tão imbricados, nada importa mais que a autenticidade: quando todos tentam aparentar, vale mais aquilo que é “para valer”. O problema, claro, é que falsificar o autêntico nunca foi tão fácil. Numa sociedade global hiperconectada, com bilhões de produtores e consumidores de informação, o que não falta são meios de fazer propaganda sem parecer, semeando conteúdo que tem cara de “orgânico” e “espontâneo” a fim de gerar um engajamento que seja efetivamente essas duas coisas. Os instrumentos de manipulação das métricas de redes sociais, como *click farms* e contas robôs ou ciborgues; a multiplicação de fontes de notícias falsas; a contratação de influenciadores para publicidade não declarada; a criação de ecossistemas comunicacionais multiplataformas que formam um circuito fechado onde progressivamente se constroem mundos paralelos – tudo indica que vivemos numa espécie de era de ouro da fraude”. (NUNES, 2021, p. 3).

Neste ponto, Morozov (2018) ajuda novamente na compreensão do fenômeno: interessa às grandes empresas de plataformas digitais manter esse jogo de exposição; podemos dizer, um jogo de espelhos, no qual cada um se vê no “*black mirror*” da tela do celular. Há um super fetiche das mercadorias, em que se mostra para cada um, de forma personalíssima, produtos e serviços, com a participação extremamente especializada dos algoritmos, que fazem “visualizar” o que cada um deseja ser, ou ver – ver para ser. Com a baliza desse mundo dos

negócios lucrativos das plataformas, vamos limitando as formações subjetivas pelo alcance encerrado em bolhas de afinidades, mas que por fim percebe-se que são escolhas das plataformas digitais e de suas programações opacas dos algoritmos. São critérios pouco conhecidos pelos usuários, mas que direcionam as novas sociabilidades que estão sendo produzidas a partir das interações que ocorrem ali, ou a partir das redes sociais.

Até o crime se especializou com novos horizontes de ganhos ao longo dessas mudanças sociais. Observa-se uma migração para os crimes cibernéticos, crimes de menor potencial de violência física, com investimentos que se direcionam para fraudes e roubos. Também as atividades criminosas que crescem pelo "mercado de trabalho" que representam: um mercado de trabalho pirata, que compete diretamente com a falta de perspectiva dos jovens. As atividades criminosas sempre atraíram novos membros, mas temos uma verdadeira indústria de produção de jovens criminosos, como alerta Feltran (2023), dada pelo encarceramento em massa que o país promoveu nas últimas décadas. São políticas fracassadas de segurança pública, que não têm resolvido a criminalidade no país e oferecem ao mercado de trabalho do crime novos membros. Temos apostado no genocídio e no encarceramento dos jovens negros, e os resultados são terríveis.

As democracias estão em risco. As mudanças da vida social e da dinâmica da política não são somente "sinais dos tempos", diz Morozov (2018). Os procedimentos estabelecidos pelas *big techs*, como o rastreamento das psiques que resulta em maior controle do tempo de permanência da navegação das pessoas nas redes sociais, produz uma profusão de dados valiosos, que são, sobretudo, muito lucrativos. Fomentar a quebra das democracias, como vimos acontecer no Brasil, resulta em ganhos a partir das curtidas e movimentações que vendem anúncios e produzem dados de comportamento. Olhando a questão como um cenário mais abrangente, também afirmamos que os trabalhos precários oferecidos por engajamento por aplicativos, como o Uber e o Ifood, foram a forma que os trabalhadores no Brasil montaram suas "virações" em um tempo de crise econômica e de desemprego alto, como foram os anos logo antes da pandemia da Covid-19. Também as reformas das legislações trabalhistas, com a flexibilização das jornadas e das regras, além dos limites da previdência social, constituem um fundamento social que produz novas sociabilidades, mais esgarçadas, odientas e menos solidárias.

Não são os novos tempos que produzem essa inversão, são algumas poucas empresas que lucram como nunca com essas desregulações que auxiliam seus negócios (MOROZOV, 2018). A disputa política radical firma-se na busca por limites para a atuação das big techs. A regulamentação é essencial também para tratar da escalada dos poderes de quem controla a tecnologia contemporaneamente. O mundo tecnológico precisa compreender como produzir um pós-capitalismo sem entregar todo o controle social para essas empresas.

Este momento do *über* contemporâneo, de um futuro que chegou mais rápido do que imaginávamos, é tempo de novíssimos desafios, exigentes na crítica. A concentração de renda na mão de novos bilionários – os donos dessas plataformas digitais, que organizaram no Brasil (e no mundo) *lobbies* para a não aprovação de regulações para o setor – gesta um abismo social ainda maior. Como conter o lucro que pode estar fincado na exploração da mais-valia do trabalho, da violência política e das mudanças, para pior, da apreensão cognitiva humana, e que afeta a nossa maior capacidade humana, que é a criatividade e a produção de cultura?

A pandemia de Covid-19, ao que parece, inaugurou um novo tempo do antropoceno: uma contínua transferência da renda do trabalho para esses novos multi ricos, uma nova forma de concentração das riquezas. No Brasil, significou um crescimento da informalidade, que sempre foi grande, mas especialmente preocupante será a distribuição da criatividade nas atividades de trabalho, aqui, uma das principais questões do mundo social. Os trabalhos criativos vão se concentrando em grupos cada vez mais privilegiados do mercado laboral, enquanto os miseráveis não conseguem trabalhos que não sejam ajustes sub-remunerados para o sistema. Os milionários estão nos lugares mais exclusivos do planeta, se apropriando das maiores riquezas da humanidade e disputando a nossa maior riqueza: a capacidade de criação.

A chegada no futuro do trabalho

O mundo do trabalho muda radicalmente com essa disponibilidade de toda a produção do conhecimento humano nas nuvens, o que compõe um suposto arquivo de todo o conhecimento humano, o qual a IA amealha, sem nenhum pagamento ou mesmo referenciamento para quem produziu aquele saber. A exploração do trabalho ganha novos contornos, com novas fronteiras da abstração do trabalho.

Neste artigo, levantamos alguns pontos importantes para balizar uma percepção sociológica sobre como o trabalho ainda participa da produção social de identidade; mas sua centralidade vai sendo, nestes tempos, deslocada de forma mais radical. Com os novos modos de trabalho, as máquinas ganham novas apropriações do trabalho vivo. Podemos dizer que há uma transferência de saberes excepcional nestes tempos algorítmicos, admitindo que, com as novas introduções tecnológicas, muda-se radicalmente as relações laborais. A transferência de conhecimentos e criação humanas para as máquinas sempre foi uma dinâmica importante de exploração do trabalho, diria Marx (1867; 1985). O incremento tecnológico faz essa função de diminuir a composição de trabalho vivo.

Explorar o tema da inteligência artificial e o trabalho significa perguntar sobre o futuro da humanidade e do planeta, exercer questionamentos fundamentais para buscarmos alguma compreensão de que tempos são estes. Dividindo as preocupações em alguns temas: os contextos sociais mundiais e locais, que já transformam de modo importante o mercado de trabalho, se comportarão como com um crescimento importante de desemprego estrutural; como os indivíduos irão compor renda? Novas profissões surgiram, outras se extinguíram. A relação da temporalidade do trabalho modificou-se e tornou a previsibilidade da vida comprometida com os curtos e médios prazos, sem a possibilidade de planos longos – que se davam em outra temporalidade.

No Brasil, faltam incentivos para um empreendedorismo com tecnologias sociais, para além do que as *big techs* têm sugerido que é tecnologia. É possível pensar em um cooperativismo de plataforma digital sem as grandes (SCHOLZ, 2016). Os usos dos saberes locais para a criação da vida surge da necessidade e da precariedade, e isso pode ser investido pela sociedade.

São os pobres, são os migrantes, as minorias que são mais capazes de ver, porque mais capazes de sentir. Por conseguinte, é um equívoco imaginar que o futuro é portado pelos mais fortes. São os mais fracos, no espaço, que têm a força de portar o futuro. (SANTOS, 1996, p. 12).

Em qualquer contextualização, as mudanças sociais do trabalho se apresentam. As disputas por modificação nas leis trabalhistas assumiram que as novas regulações neoliberais seriam tomadas como expressão de uma necessidade de austeridade econômica, em que os gastos sociais são negligenciados e direcionados com outros critérios. Por todo o mundo, as políticas de redução de

direitos previdenciários e trabalhistas geram consequências que são sentidas na produção subjetiva ligada ao trabalho.

No país, os discursos e as práticas do empreendedorismo de si, assumido como forma de produção e subjetividade do trabalho, produzem uma gestão da vida como se fossemos uma empresa, dizem Dardot e Laval (2016). Os lucros subjetivos desses novos mecanismos de gratificação vão se introduzindo em todo o tecido social. Mas, agora, com essa plataforma digital do trabalho, com a participação essencial das redes sociais em âmbitos bem alargados da sociabilidade, vamos mudando o modo de trabalhar. O engajamento individual às atividades laborais de aplicativos, sem contratos de trabalho, entregam o gerenciamento do tempo (ABÍLIO, 2017) a aspectos por vezes intangíveis – uma impressão de autonomia para o trabalhador, mas, por outro lado, o desenvolvimento de controles algorítmicos cada vez maiores à disposição dessas plataformas. O trabalho subordinado mostra uma faceta da tal grandeza de precariedade que se pensa em tempos ocupados do desemprego, e uma gestão do desemprego mostra uma descartabilidade social desses trabalhadores informais (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021). O rebaixamento brutal da remuneração do trabalho, como apontava Standing (2013), se estabelece nos processos do capitalismo financeirizado ao fazer uma concorrência da renda do trabalho com os ativos financeiros. O trabalho fica em um lugar social rebaixado para boa parte dos trabalhadores condenados a tarefas com severa simplificação e controles rígidos. Esses processos foram nomeados como a “uberização” do trabalho.

Assim, um ponto fundamental de questionamento desses processos velozes que estamos experienciando compõem uma transmissão, uma cooptação cada vez mais importante do conhecimento humano, do trabalho vivo, da parte criativa do trabalho para as máquinas. Os humanos ficam com a parte repetitiva, da execução inibida de criação, ao passo que os controles cada vez mais sofisticados dos algoritmos são introduzidos e vão mudando os processos. Trata-se de um pós-taylorismo, em que há uma apreensão do conhecimento humano pela IA e grandes transferências de conhecimento humano para a propriedade das plataformas.

As equipes que fazem esse trabalho, de “ensinar” a IA os seus próprios trabalhos, que serão realizados pelas máquinas, vão produzindo a própria obsolescência. Os trabalhos precarizados mantêm um controle rígido dos algoritmos da IA, enquanto os trabalhos privilegiados não são avaliados por

algoritmos. São tantos níveis de apreensão intangíveis do trabalho humano, mas que por fim expressam que as plataformas absorvem a riqueza do conhecimento humano em múltiplos plágios, com lucros privados.

Os riscos imensos que corremos é de perdemos repertórios do conhecimento nas próximas gerações. Além de estabelecermos de forma irrefreável essa polarização entre uma massa sem trabalho ou com trabalhos sem nenhuma produção de sentido subjetivo e uma parte muito privilegiada que trabalha com criação; uma reposição da desigualdade, agora em outros moldes, ainda mais perversos. Nessa medida, a IA delega à humanidade grande responsabilidade.

Considerações finais: as consequências psicossociais das mudanças sociotécnicas

O mundo que se desenha nessa chegada ao futuro parece ter se configurado por uma brutal desigualdade na distribuição da criatividade. Os trabalhos que produzem sentido vão se tornando raridade, restrito aos privilegiados. Uma nova arquitetura do mundo social precisa ser desenhada para que novos trabalhos constituam uma possibilidade de satisfação pessoal e de renda. Desdobrando essa afirmação, chegamos ao fundamento da vida social contemporânea e à sua produção de sentido, cujo papel o trabalho ainda pode realizar de forma mais alargada, saindo dos nichos muito privilegiados de trabalhos que criam, empolgam e satisfazem, e compondo um centro da vida social interessante. Até o século XX, o capitalismo se ancorou nessa produção de sentido subjetivo que compõe de forma importante a identidade social. Por um lado, a constituição da vida social produziu desigualdades de gênero e raça que se tornam padrões de reprodução de barreiras urbanas e sociais, localizando os sujeitos a partir do lugar social que o trabalho trazia para cada um. Mas, de algum modo, eram sociabilidades legíveis, que traziam a promessa de que pelo trabalho, pela meritocracia, era possível firmar-se como sujeito (Sennett, 1999). A promessa de que pelo trabalho cada um teria uma posição social parecia segurar uma leitura da vida social que carregava uma previsibilidade, componente que fundamenta certa segurança da vida social.

Os incrementos tecnológicos, que constituem a própria engrenagem do desenvolvimento capitalista, acrescentam, sempre em rede, novos processos sociais ao serem absorvidos. A introdução algorítmica foi a antecedência de muitos processos que foram determinando novos nichos de lucro, em novas atividades, ou mesmo modificando cabalmente muitos processos.

Uma questão fundamental para pensarmos é sobre o aceleração do tempo que cada processo desse promove. As redes sociais imprimiram um gosto narcísico de satisfação imediata que acelera também diversos comportamentos. As curtidas, os compartilhamentos, as *selfies* levam o sujeito a uma necessidade de atendimento dessa demanda imediata. Para a Sociologia, interessa perscrutar sobre como a IA acelera as respostas às coisas, sem o tempo de alguma verdade – palavra de difícil definição. O que se pode afirmar é que a temporalidade impressa explode o fato social. Parece que o contentamento só com respostas rápidas já é suficiente para trocas sociais cada vez mais baseadas somente em um tipo de afeto.

Não é à toa que a influência virou profissão. Os *influencers*, com seus vídeos curtíssimos, médios e longos (dependendo da possibilidade de monetização do momento), levam, através da imagem, às crenças absorvidas pelos sujeitos pela repetição ou pela rapidez da solução para questões fundamentais da contemporaneidade. A aparência física supera em muito a conquista de uma subjetividade que produza sentido maior à existência social. Ter fórmulas rápidas de como se manter magro, jovem e “feliz” nos é entregue por especialistas em influenciar. Não são os especialistas nas áreas de conhecimento necessariamente; são especialistas em ditar as soluções momentâneas. Como fala Dunker (2015), é um síndico que faz a gestão dessa subjetividade rasa. A pura aparência virou um modo de ser contemporâneo. Por mais gasto que se tornou o termo “novíssimo”, aqui temos uma novíssima contemporaneidade em formação, uma pura aparência baseada nos afetos. E o lugar social do trabalho está em crise. Parece que essa nova “inteligência”, que, como diz Nicoletti (2023), não é nada inteligente, faz com que a humanidade deseje entregar a produção do conhecimento ao maquínico, abrindo mão de investir em novas formas de mundo.

A noção de tecnologia precisa estar em questão como uma ferramenta que pode mudar a humanidade. Quando ela é capturada por essas grandes empresas que não encontram fronteiras, caímos numa concepção do senso comum de uma única explicação ou definição para esse processo. Temos as tecnologias indígenas, de comunidades tradicionais, das relações com a transformação da natureza a partir de outros conhecimentos, produzidos sob a existência neste planeta sem destruir os bens mais preciosos que temos: nossas capacidades de solidariedade e de afetação com o belo, a arte, os conhecimentos sociais. Uma sociopolítica precisa surgir para dar conta desse momento tão crucial.

A concentração de renda se agravou na pandemia, promovendo novos nichos de lucro para o capital. A crise acelerou processos de incremento tecnológico no mundo do trabalho. As plataformas de comunicação usadas no *home office* também trouxeram outros controles do trabalho, impondo novos contornos laborais. O que vimos no Brasil foi a saída das mulheres do mercado de trabalho em um número muito maior, pois as tarefas de cuidado não foram redistribuídas, muito pelo contrário. Com uma incidência desigual entre os trabalhadores do centro e da periferia (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN; 2021), as mudanças que os trabalhos subordinados a plataformas sofrem aliam um trabalho pobre de sentido a rendimentos menores. A chegada da IA no mercado de trabalho brasileiro não teve qualquer planejamento; não há nenhum plano para um bastante possível desemprego estrutural. Algo que contemple os trabalhadores que ficarão desempregados para que lhes sejam garantidos outros financiamentos de renda.

Também a vida mental, a psicopatologia do trabalho, vai se modificando em consequência das mudanças sociotécnicas da entrada no século XXI. Se a exploração do trabalho sempre se fez presente na história do capitalismo, as possibilidades de mudanças mais radicais nos modos de vida se tornam um horizonte fundamental a cada tempo. A catástrofe ambiental também apresenta novos desafios para construções alternativas de trabalho, modos menos poluentes de constituição da vida, trabalhos que possam contribuir para formações mais comunitárias.

Um corpo que foi docilizado para o trabalho operário foi sendo direcionado para os novos controles sociais neoliberais, que buscam, nos discursos e nas práticas de um empreendedorismo individualizante, uma governamentalidade de si. Isso acaba por recolher a produção das novas sociabilidades para aumentar os lucros do capital, pouco divididos entre todos. Sempre com promessas de enriquecimento momentâneo, as novas formas de trabalho apaziguam ânimos, mas não distribuem riquezas. Como a vida social foi ficando menos previsível, torna-se menos legível o risco de que a paralisia domine. O risco é o fim do mundo veloz, ou seja, uma vida social muito empobrecida psiquicamente, com assujeitamentos que esgarçam a vida social e elevam a violência, tornando-a mais presente. Certa estabilidade social pode ficar comprometida com as mudanças tecnológicas, que, ao se inscreverem nos processos de trabalho, estão simultaneamente se inscrevendo na vida social, na sociabilidade familiar. Não são aspectos menos importantes, afirma Dejours (2006); são fundamentos da partilha de sociedade que podem partir de reflexões ligadas ao trabalho. Ao encurtar a solidariedade laboral, uma cadeia de reações

negativas é acionada. Não há como separar as dimensões da sociabilidade. O medo, a ansiedade e o estresse são expressões de defesa individual produzidas pelas mudanças radicais vividas na pandemia da Covid-19, mas vieram acompanhadas, no pós-pandemia, dos brutais incrementos de tecnologia circulando nos âmbitos – hoje já não muito separados – dos circuitos de trabalho/lazer/vida social.

Novas formas de vida precisam se multiplicar. Trabalhos que agreguem tecnologias sociais e sejam mais significativos para compor as subjetividades dos sujeitos, formando novas coletividades e novas solidariedades sociais, necessárias para as políticas da vida.

Referências Bibliográficas

ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. (2021) Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, [S. l.], v. 23, n. 57, p. 26-56. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/116484>>.

_____. (2017). Uberização: subsunção real da viração. Blog da Boitempo. 22 fev. 2017. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao/>>.

ARBIX, Glauco; SALDANHA, Paloma; SAMPAIO, Rafael Cardoso (2023). “ChatGPT, inteligências artificiais generativas: impactos na sociedade e na pesquisa acadêmica”. Mesa ANPOCS, em 18/10/2023.

BRAGA, Ruy (2023). “Hulk na luta de classes”. Blog Boitempo. Publicado em 19/07/2023. disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/07/19/hulk-na-luta-de-classes/>

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian (2017). *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo.

_____. (2016). *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.

DEJOURS, Christophe (2015). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.

_____. (2006). *A banalização da injustiça social*. Ed. FGV: Rio de Janeiro.

DUNKER, Christian L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.

_____. (2017). “A lógica do condomínio”. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 11, 2017. Disponível em: <<https://piseagrama.org/logica-do-condominio/>>.

FEDERICI, Silvia (2007). “A acumulação do trabalho e a degradação das mulheres”. *Calibã e a bruxa – Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017. p. 111-234.

- FELTRAN, Gabriel (2023). Entrevista ao programa de podcast Café da Manhã, ep. “Políticas de segurança pública sob Lula”, 24 jul. 2023. Folha de São Paulo.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio (2007). “A metapsicologia do cuidado”. *Psychê*, vol. XI, n. 21. Universidade São Marcos, São Paulo.
- FREUD, Sigmund (2021; 1930). “O mal-estar na cultura”. *Cultura, sociedade, religião: o mal estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FOUCAULT, Michel (2004). *Sécurité, territoire, population – Cours au Collège de France (1977-1978)*. Paris: Seuil/Gallimard.
- GROHMANN, Rafael (2021). *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas*. São Paulo: Boitempo.
- LAZZARATO, Maurizio (2017). *O governo do homem endividado*, São Paulo, 1. ed.
- MARX (1867/1985) *O Capital: crítica da economia política*. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural.
- MOROZOV, Evgeny (2018). *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu.
- NICOLELIS, Miguel (2023). Entrevista para o Podcast Reconversa, ep. 21.
- _____. (2023). Entrevista ao Podcast 20 Minutos do Opera Mundi, jun./2023.
- NUNES, Rodrigo (2021). “Pequenas fascismos, grandes negócios. O bolsonarismo como empreendedorismo – e o que isso diz sobre a natureza da direita e do capitalismo hoje”. *Revista Piauí*, n. 181.
- SAFATLE, Vladimir (2022). “A economia é a constituição da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Org. SAFATLE, V.; JUNIOR, N. S.; DUNKER, C. Belo Horizonte: Autêntica.
- SANTOS, Milton (1996). “Por uma geografia cidadã”. *Boletim Gaúcho de Geografia*. n. 21. Porto Alegre: UFRGS.
- SCHOLZ, Trebor (2016). *Cooperativismo de plataforma: contestando a economia do compartilhamento corporativo*. São Paulo: Elefante/Autonomia Literária/Fundação Rosa Luxemburgo.
- SENNETT, Richard (2005). *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- STANDING, Guy (2013). *O Precariado: a nova classe perigosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- TELLES, Vera (2006). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas.
- WEBER, Max (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.